

# EM TORNO DE UMA CARTA DE MACHADO DE ASSIS

Alexandre Eulalio

## **Alexandre Eulalio Pimenta da Cunha**

*Alexandre Eulalio era uma festa. A folia começava tão logo ele começava a falar. Era preciso então descobri-lo em meio a tantas palavras, idéias, digressões, sugestões e encantamento sem trégua. A princípio, ele parecia enfiado na cou-raça de uma personalidade afetada e algo distante mas, em cinco minutos, quem estava lá era um ser raro que não se confundia com nenhum outro e mais do que alguém ótimo era um verdadeiro mundo, sólido e resistente como um mundo. Este homem foi durante muitos anos misto de secretário e burocrata cultural como tantos; o importante porém foi que ao longo da vida e encargos manteve uma rela-ção contumaz e insaciável com a literatura, com a pesquisa, com arquivos e docu-mentos, com a bisbilhotice histórica, com os cotidianos antigos, com as ciências as mais raras e sempre em extinção.*

*Os contornos de sua figura são difíceis de descrever, prescindindo, e isto é surpreendente, de uma obra definitiva e em si mesma acabada. Sem essa obra, mesmo assim, Alexandre atuou em círculo restrito de amigos críticos, artistas e escritores como uma influência decisiva e de tipo especialíssimo, lembrada por todos que se manifestaram sobre sua morte. Era uma influência feita de presença, de ritmo, de fôlego, de uma gulodice pelo mundo que chegava a ser comovedora — sua pessoa impregnava. Estar com Alexandre era ganhar dias de leitura com muitas gerações, talvez as melhores. Na fala e na prosa dele a pátina do mundo reluzia: os objetos tinham existência, nome, história, origem, haviam sido fabricados nesta ou naquela cidade, por tais ou tais famílias de artesãos, através de uma técnica inventada por fulano, cujo primo emigrou para Verona, onde tal romântico inglês descobriu num mural uma figura feminina que reaparecerá naquele poeta menor do Serro, cuja obra continua dispersa e por falar nisso precisa urgentemente ser recolhida e editada.*

Para as informações con-tidas nesta nota editorial, utilizamos depoimentos, informações e obras de que são depositárias Do-na Maria de Lourdes Bet-tini Smith de Vasconcellos e sua filha, a jornalista Ma-ria Guiomar Smith de Vas-concellos — viúva e filha, respectivamente, de Rei-naldo Smith de Vascon-cellos, o último dos três filhos de Frederico e Guiomar Eugénia. Con-servam elas carinhosa-mente, junto a lembranças

*As coisas eram seres imantados transitando em meio a uma realidade encarnadamente universal que começava ali na sala de aula ou no sofá da Bela Cintra. Sob a mania detalhista do perito, tudo isso não era só devaneio, era paixão pela matéria viva tal como ela é produzida e forjada por um fazer técnico e imaginário. Era igualmente o desejo de encontrar algo concreto que justificasse a realidade menos palpável, mas também real, da criação literária e artística e de suas técnicas. Alexandre queria assim ensinar a ler a tessitura dessas relações múltiplas e históricas, com lupa e paciência.*

*Num crítico todas essas qualidades são imprescindíveis e bem fornido delas Alexandre vagava mais e mais por repertórios sempre mais vastos sem nunca abarcar numa frase, num artigo, num ensaio ou num livro a totalidade desejada. Ele falava e falava e falava sem parar, sem ter um fio definido ou perseguir um ponto: o todo nascia de relações, analogias, interferências, uma questão técnica qualquer ou até a simples mudança de casa ou cidade poderia vir a ter um peso explicativo determinante. A meu modo de ver Alexandre Eulalio praticava uma versão muito sua da crítica das fontes, forjada numa interpretação livre e pessoal que atenuou o esquematismo da mesma, aberta para a inter-relação das artes e da criação com a vida social. Sua familiaridade com a grande crítica de arte, Panofsky à frente, influiu sem dúvida para a desespecialização de uma prática crítica limitada. A Alexandre interessavam realidades mais complexas do que simplesmente a influência de um elemento específico de um autor sobre outro, de uma obra sobre outra. Seu prazer era vislumbrar correntes mais intensas de intercâmbios e impregnações, compondo uma face histórica. Como uma sociedade chegou a uma síntese expressiva de si mesma e em que estes elementos e estas técnicas favoreceram a profundidade da imagem?*

*Entretanto Alexandre não era um professor organizado, não apresentava teorias nem métodos, nem possuía uma especialidade fixa. Na universidade, era a mais doce das aberrações; nela, pelo diletantismo de sua formação podia se sentir até inseguro, mas lá todos o invejavam. Mesmo com um feitiço pouco acadêmico, nada teórico e sem ser um expositor brilhante, seus pontos de vista se impunham com firmeza e sua vista habitualmente embarafustava por onde menos se esperava, descobrindo relações iluminadoras.*

*A importância de um homem assim no Brasil é demasiado evidente, contra o esquecimento generalizado e sistemático, contra o marasmo da vida solta no ar do presente. Com um furor borgiano de não esquecer, Alexandre afrontava a velocidade da destruição real, povoando tudo de tudo, inventariando, preenchendo, anotando sempre ao pé de uma suposta página. De certo modo, ele representava a continuidade do projeto modernista no que este tem de investigador. Gente como Rodrigo M.F. de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Mario de Andrade, Lúcio Costa, encontrara em Alexandre alguém que lhe desse discreta continuidade.*

*Se sua escola de erudição foi o Modernismo de gabinete e pesquisas de campo, sua base ideológica era mais miscigenada. Monarquista de boca para fora e de alma para dentro, Alexandre estava longe de ser um tradicionalista; sua identificação com o moderno era sincera e constituía intimamente sua personalidade. Seu conservadorismo não estava tampouco no fato de aspirar a uma tradição, afinal a esta só teria acesso o espírito sem regras do moderno. Alexandre jamais refutou os vanguardismos deste século, por exemplo, antes encontrara neles abertura para expressar a autenticidade de uma experiência necessária para desconvenacionalizar*

muito vivas da sogra e da avó falecida apenas em 1962, os manuscritos do grande escritor oferecidos à afilhada de casamento, como o belo soneto "Ri, Guiomar, anda e ri. Quando ressoa/A tua alegre risada cristalina./Ouço a alma da moça e da menina/Ambas na mesma lépida pessoa", além das duas quadrinhas escritas para saudar o "tio Heitor". Agradecemos a essas duas senhoras a atenção, a eficácia e o interesse extremos com que atenderam às nossas solicitações. Através delas pudemos utilizar com proveito os trabalhos genealógicos de:

— Nuno Lopo Smith de Vasconcellos — *A Família Smith de Vasconcellos*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1927, e Vasco Smith de Vasconcellos — *Conde de São Mamede*. Separata de "Anuário Genealógico Latino" (São Paulo), s.d. [c.1940]. Antes disso havia sido constante o manuseio dos 2º, 3º e 4º volumes de: R. Magalhães Junior — *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, que nos permitiram recuperar rapidamente o itinerário das relações do nosso escritor com São Mamedes e Vasconcellos, — embora o fato de não possuir índice onomástico tenha dificultado em extremo o trabalho de pesquisa. Da maior utilidade também, por nos facultar dados de outra forma inacessíveis, foram as notícias compiladas em: Afonso Eduardo Martins Zuquete, ed. — *Nobreza de Portugal. Bibliografia Biografia Cronologia Filatelia Genealogia Heráldica História Nobiliarquia Numismática*. Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1961, 3 volumes, assim como sempre, o primoroso índice de: Carlos G. Rheingantz — *Titulares do Império*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1960, cujos indispensáveis apêndices (pp. 91-121) fecham-se com a retificação minuciosa, conforme aos documentos depositados no antigo Ministério do Império, de todos os equívocos que ocorrem no pioneiro *Arquivo Nobiliarchico Brasileiro* (Losana, 1918 — Imprimerie de la Concorde), compilado pelo Barão de Vasconcellos em colaboração com o filho Jayme, Barão Smith de Vasconcellos.

*o mundo burguês. No fundo o que ele acalentava era um conceito de tradição pouco convencional e próprio — renovado e vivo, não movido por complexos e ilusões, sem ufanismos ou vexames dolorosos. Para esta tradição se fundar no Brasil era necessária uma relação quase física com a experiência histórica, social, literária e artística dessa absoluta Oligarchie (para lembrarmos a boa expressão do teutão Machado de Assis) sem medo do horror da miséria e da exploração, sem ter de justificá-lo ou escondê-lo. A conquista de uma tradição sempre foi vista, desde o Modernismo, como o passo efetivo para alcançarmos alguma modernidade. Era exatamente isso que Mario de Andrade estava pensando quando em 1925, ainda falando a terminologia naturalista do século anterior, dizia: "Nós só seremos deveras uma Raça o dia em que nos tradicionalizarmos integralmente e só seremos uma Nação quando enriquecermos a humanidade com um contingente original e nacional de cultura". Esse olhar realista e esclarecido, possível a alguns gatos pingados de elite, estava consciente do passado e dos limites de sua posição histórico-social, e a ele não faltava uma nuance aristocrática de nostalgia, pois as mudanças substanciais viriam e como profetizava Paulo Prado o futuro "pior do que o passado não pode ser". Alexandre citava muito a frase final do Retrato do Brasil ainda com a confiança característica — por afinidade — das elites que a pronunciaram anteriormente. A tranqüila praxe desse otimismo parece ter morrido ainda mais após a partida dele.*

#### Vinicius Dantas

Sem a menor cerimônia, chamou Augusto Meyer a correspondência machadiana de "monumento de insignificância". Tinha inteira razão, do ponto de vista que decidira assumir naqueles anos de 1932, 1933. Um desafio que prolongava, no campo do ensaio, certo revisionismo anti-convencional de modelo ainda modernista: apaixonado corpo-a-corpo com o mago necromante de *O Velho Senado*. A ânsia de Meyer era então virar pelo avesso o universo desse escritor que o Establishment acabara de transformar numa espécie de mestre amavelmente pré-anatoliano. Para o conformismo elegante de época a obra de Machado de Assis era a de um cético crepuscular, algo cínico, cujo desencanto de bom tom provocava sorriso e melancolia; páginas cuja fatura singular, fantasiosa, era ainda mais coruscante porque de todo gratuita. Contra essa falsificação facilitada investiu então Augusto Meyer com toda a gana, a fim de desentranhar desse escrever insólito o homem subterrâneo que era inquilino dele. Uma leitura amarga e agressiva, indicando o anotador agnóstico dos Tchéstovs e Berdiaevs em voga no tempo, mas que, sem ignorá-los, revia aqueles vitalismos existenciais segundo determinada reflexão estética que acabava de se decantar nessa época. Uma revisão que fora filtrando para uso próprio seja a fugidia herança do Simbolismo seja os fermentos de Modernidade mais recentes num denso caldo de cultura individuado. E assim o moço modernista se descobrira muito próximo dos mesmos esgares e atitudes do escritor maior que tanto o haviam irritado antes. Mais de uma vez ouvi de Mestre Meyer a história essa (fala rio-grandense) — confesso que com alguma incredulidade de ainda ingênuo: a crisálida de livro *contra* Machado de Assis que ele havia projetado a fim de insultar os filisteus, a meio caminho do voo se transformara no mais palpitante pulsar de admiração pelo primeiro alvo da diatribe. E o suposto motivo do ataque tornara-se tema decisivo da vida intelectual dele, atacante.

É certo que a escrita decorosa, contida, sem dúvida amaneirada das cartas constitui uma das dependências menos atraentes do texto machadiano. Sequência

de sorrisos mais ou menos amarelos e ademanos bem educados, buscavam corresponder à imagem que o próprio acreditava os outros esperassem dele. Enfim: um subproduto do "complexo de inferioridade orgulhosíssimo" que Mario de Andrade apontara como a mola-mestra dos tímidos catapulta do gênio deles... quando neles gênio houvesse.

Encarada de um ponto de vista objetivo, voltado para o documental, a correspondência de Machado oferece bem mais do que isso de "insignificância". Momentos de expansão afetiva é verdade que são raros. Registrados em algumas cartas — a Salvador de Mendonça ("meu Salvador de sempre"), a José Veríssimo, a Joaquim Nabuco, a Lúcio de Mendonça — e, num registro mais paterno que fraterno, naquelas endereçadas a Magalhães de Azeredo e Mario de Alencar —, alcançam certa efusão que alguma vez pode ingressar na área da criatividade literária. De modo geral, no entanto, tem sempre razão Augusto Meyer.

Apesar disso é preciso apontar que sempre são significativas aquelas mensagens redigidas dentro da área de proximidade afetiva familiar: alheias portanto ao convívio letrado profissional. Esses escritos dispõem de certa afabilidade nostálgica, sempre polida e distante, mas que se deixa permear por outra qualidade de abandono, menos convencional dentro das mesmas convenções que celebra. Um deixar-se ir que se situa entre pose e atitude, no qual o compromisso do escritor, sem se desatar, permite-se certa liberalidade expansiva que oferece, desse modo, outra pauta para o registo do perfil psicológico do missivista. É o caso da carta inédita que se segue, dirigida ao "meu caro Heitor".

Heitor de Basto Cordeiro (Rio de Janeiro 1865 — Rio de Janeiro 1908) era um jovem advogado cuja brilhante carreira profissional e mundana apenas seria cortada pela doença incurável que se declara em 1904 e o levaria à morte três anos depois. Paulista velho pelos troncos da sua gente, temperamento estudioso e aplicado, consciente de sentimento de casta, sai bacharel pelo Recife em 1885. Poliglota, interessa-se pelas questões de ensino; logo formado participa animadamente das atividades do Instituto de Advogados da Corte. Ligado à situação Conservadora no poder, de 1886 a 1888 foi inspetor de instrução primária e secundária da capital do Império, professor de línguas da Escola Naval e, ainda, delegado de Polícia. Em 1887 era feito moço-fidalgo da Casa Imperial, recebendo no ano seguinte o oficialato da Ordem da Rosa. Parte em seguida para Washington, como adido à Legação do Brasil; em 1889 é transferido para a nossa representação diplomática em Paris. A queda do Império, a que se opôs o legalismo de Heitor Cordeiro, afasta-o da carreira; de volta ao país, restringe-se às lides jurídicas. Em 1892, fica noivo da jovem Francisca Carolina Smith de Vasconcellos, então com 16 anos.

Essa mocinha graciosa era filha dos Barões de Vasconcellos, os segundos desse título criado em 1863 por Dom Luís I de Portugal para José Smith de Vasconcellos (1817-1903), lisboeta que se enriquece no Ceará; decreto régio de 1874 *renova* o baronato na pessoa do filho Rodolpho (1843-1926), nascido em Fortaleza — decreto *confirmado* no Brasil por uma carta imperial também desse ano. Rodolpho Smith de Vasconcellos casara-se, naquele mesmo 1874, com Eugenia Virgínia, filha de Rodrigo Pereira Felício (1820-1872), um potentado econômico do Rio de Janeiro. Este último personagem, figura impressionante, era natural do Norte do Reino, antigo vizinho do povo de São Mamede de Infesta. Vindo cedo para o Brasil, sob a orientação de um tio, de quem se tornaria genro (Joaquim Antônio Ferreira, desde 1844 ostentando o título caboclo de Barão, depois 1º Visconde, de Guaratiba), constituiria aqui opulenta fortuna. Fundador do Brazilian & Portuguese

se Bank, que em 1866 se transformará no English Bank of Rio de Janeiro, Rodrigo Felício recebeu, na última data, o título português de Visconde de São Mamede, engrandecido três anos depois no de Conde. Não é necessário insistir no vasto interesse que apresenta o estudo da crônica dessa gente grada e apatacada; estupenda trama narrativa cujas molas econômicas, sociais e psicológicas esperaram em vão um Balzac luso-brasileiro. Desse historiador ideal que apenas em mínima parte pôde fazer as vezes — mesmo assim mais com sarcasmo do que com entendimento profundo — um Camillo Castello Branco, por cruel ironia da Musa Clio, ele mesmo aviscondado em 1885.

Os São-Mamede eram relações próximas de Carolina Machado de Assis mesmo antes do casamento da irmã de Faustino Xavier de Novaes com o modesto mas tão promissor literato de *A Mão e a Luva* e *Os Deuses de Casaca*. A fim de situar este curioso capítulo biográfico do escritor dentro das coordenadas de tempo e modo fluminenses, tornar-se-ia necessário relembrar o ambiente dos portugueses quantiosos que floresciam no Rio de Janeiro imperial. Magnatas do giro bancário, do alto comércio e, logo logo, da indústria fabril, eram personagens que dominavam largo setor das finanças do País. Por um certo cerrado sentido de clã e a petulância inseparável das fortunas recentes, despertavam rancor em largos setores da população; os ataques ainda desabridos de um Antônio Torres à *Culônia*, que alcançam ainda o decênio de 1920, documentam de modo expressivo o arraigado sentimento antilusitano das classes modestas, que aflorará fácil durante as manifestações jacobinas estimuladas pelo governo de Floriano. À margem dessa gente, evoluíam de alguma forma Joaquim Maria e Carolina — mantendo sempre grande independência em relação a eles, não resta dúvida, mas cientes de poderem contar com o inestimável apoio social e moral do grupo prestigioso. Desde o início da sua carreira, mas não apenas durante os anos de aprendizagem, "Machadinho" faria jus ao apreço e ao estímulo entusiasta de um número vultoso de relações portuguesas, desde as primeiras mais modestas até as muito abonadas e até nababescas — conforme estabeleceu com minúcia um Jean-Michel Massa no preciso roteiro intelectual que desenhou na mocidade do escritor. Nesse ambiente despontaram os seus primeiros admiradores e entre eles finalmente encontraria esposa.

Durante tal período de afirmação compusera (1869) as estrofes subtis de "Menina e Moça", poesia que integrou *Falenas* mas acabaria expurgada das *Poesias Completas*, talvez pela risonha e franca vivacidade sensual desse "perfil de mulher". Versos que alcançaram imediata audiência tanto pela qualidade da escrita quanto pela agudeza realista do contorno psicológico que esboçavam; alexandrinos que se dizia terem sido inspirados pela graciosa filha de Rodrigo Felício, cinco anos mais tarde Baronesa de Vasconcellos.

As relações mantidas pelo casal Machado de Assis com os São-Mamede transformar-se-iam em sólidos laços de amizade quase tingidos de parentesco quando, nesse decênio de 1870, a Condessa-viúva se casa com Miguel Xavier de Novaes, irmão de Carolina. Brasileiros-de-torna-viagem, os Miguel-Novaes não tardariam regressar em definitivo para Portugal, a amizade de quase parentes seria contudo mantida pelos Vasconcellos, que se afeiçoam sinceramente pela tia postiça da Baronesa e pelo já agora ilustre marido desta. Em 1884 geralmente considerado um dos mais prestigiosos "beletristas" do Império, o autor do *Brás Cubas* (que secretaria o elegante Club Beethoven, musical e mundano) transfere a residência dele para o *chale* da Rua do Cosme Velho 18, onde iria viver os seus anos finais — prédio que era propriedade, aliás, do espólio São-Mamede. Íntimo já então do Barão de Vas-

Por problemas técnicos, nem sempre foi possível fazer com que as notas aparecessem nas margens que lhes seriam adequadas. Quando isso ocorrer, favor procurar na página imediatamente anterior ou posterior.

(1) Padrinho de Alceu Amoroso Lima, neto, aliás, de outro opulento português em 1884 nobilitado pelo Rei Dom Luís I: o Visconde de Amoroso Lima. Por ocasião do batizado do futuro evocador proustiano da *Casa Azul* (que em algumas das suas mais belas páginas recupera a ambiência patriarcal do Cosme Velho, casas ricas dispersas na espessa verdura do vale profundo, mais as bastas árvores de Águas Férreas), escreveu Machado outros versinhos do mesmo gênero, que encaminhou num bilhete metrificado ao amigo: "Marinhas/Ai vão as quadrinhas/Para que a flor das sobrinhas/Recite, Adeus. Sê feliz/O teu, Machado de Assis". Um exemplo, entre muitos, dos exercícios em que se comprazia com bom humor o ficcionista sem ilusões de *Memorial de Aires*.

(1a) Metáfora atenuando, em afetuoso eufemismo de área estratégica, a expressão *intervenção* cirúrgica ("marcha forçada" = operação [militar] = campanha [guerreira]).

(2) Lopo Diniz Cordeiro (1834-c.1915), conde apostólico em 1892; em 1862 havia desposado Maria Nazareth de Araújo Basto (1842-c.1920). Bacharel por São Paulo, foi procurador dos interesses São-Mamede no Brasil em princípios do século. Sua nora, Francisca de Vasconcellos de Basto Cordeiro, conforme vimos, era neta do 1º Conde desse título, sobrinha do 2º (1853-1905) e prima do 3º (1881-c.1970).

(3) Francisca e Heitor Cordeiro haviam tido, entre 1894 e 1900, seis filhos: Rodolpho, Myriam Laura (1895), Haroldo (1897), Waleska Maria (1898), Heitor (1899) e Mario. É provável que, conforme o costume patriarcal do tempo, todos os seis se encontrassem com os pais na Suíça.

concellos, vizinhos de rua deles, batiza nesse mesmo ano o sexto filho dos titulares: Jayme ("Tico"). Doutor em Medicina e Bacharel em Letras, o afilhado do romancista assumirá, no segundo decênio do novo século, o título pontifício de Barão Smith de Vasconcellos, com que assina, em 1918, junto com o pai, o *Archivo Nobiliarchico Brasileiro*, imponente obra de consulta obrigatória, primorosamente impressa em Losana com gravuras em metal de Fernand Junod — contribuição preciosa para o armorial do nosso Império.

Frequêntador assíduo da casa de Rodolpho e Eugenia Virgínia, onde era parceiro certo de gamão e xadrez (a família ainda hoje conserva a frase que ele repetia, quando instado pelo hospedeiro a apressar as suas jogadas: "Que quer, senhor barão?! Tenho a compreensão lenta..."), Machado vai celebrar de agora em diante em versos de circunstância ou na mais coloquial das prosas as efemérides familiares dos Vasconcellos. Para os quinze anos de Francisca Carolina escreverá uma comédia breve, *Beijinhos em Vovó*, cujo original se perdeu; nela, um rapazola (papel *travesti* para Francisca) que quer ser beijado pelas priminhas organiza uma representação familiar. O romancista de *Quincas Borba* aceitou dirigir em pessoa o entremez doméstico, que as meninas da casa, as suas vizinhas Ramalho Ortigão (sobrinhas fluminenses do polemista, filhas do proprietário do *grand magasin* Park Royal) e outras amiguinhas do bairro interpretariam. Em 1890, acompanhará a família em excursão meio desastrosa por Minas, ao lado de dois outros velhos amigos lusos, Ernesto Cybrão e Antônio Martins Marinhas<sup>1</sup>. Ao primeiro deles havia aliás dedicado os versos de "Menina e Moça".

Quando do noivado simultâneo das irmãs Francisca e Guiomar, Machado encaminharia às jovens dois sonetos celebrativos da efeméride repassados de gracioso carinho; continuará a produzir essas demonstrações de boa vontade afetiva até mesmo em circunstâncias pouco amenas, como a morte de uma das meninas menores dos Barões, ou o melancólico regresso de Heitor Cordeiro ao Brasil; em 1907, desenganado — quando escreve duas quadrinhas para os garotos de Guiomar, Ruy e Roberto, darem boas-vindas ao tio. ("Não é só gente grande/Que recebe o bom Heitor./Também gente pequenina/Sabe saudar com fervor." "Tio Heitor chegando à terra/Com os seus e para os seus,/Ouve a minha voz que exclama:/Entre, Heitor, graças a Deus.") Nessa última data o ficcionista já havia constituído o esposo de Francisca o seu segundo testamenteiro. Mas Heitor, destruído pela doença, faleceria quatro meses antes do escritor vinte e cinco anos mais velho. Por uma soturna coincidência, no mesmo dia em que tombavam assassinados no Terreiro do Paço em Lisboa, Dom Carlos I e o Príncipe-Real Dom Luís. Paralelismo motivo de melancólicas considerações espistolares entre Machado de Assis e Mario de Alencar, e que o primeiro faria ler aos Barões de Vasconcellos após a missa de sétimo dia rezada pelo genro precocemente desaparecido.

A carta de Machado de Assis que aqui nos interessa é dirigida, portanto, a uma personagem cujo cotidiano se encontra muito ligado ao seu mundo afetivo. Ainda mais após o falecimento de Carolina, em 1904, que a Baronesa de Vasconcellos e a filha Guiomar assistiriam com inteira dedicação (Francisca já então lutava com a enfermidade do marido, que logo ia acompanhar à Europa em tratamento.) Estas três senhoras acompanhariam com igual, senão com maior carinho, os últimos momentos do escritor maior; testemunhas atentas, discretas, das cenas que

(4) Alberto de Faria (1865-1931) — que não deve ser confundido com o seu quase homônimo Alberto Faria (1869-1929), o notável filólogo e ensaísta de *Aérides* (1918) e *Acendalhas* (1920) —, advogado de amplo prestígio intelectual, era coetâneo e amigo muito próximo de Heitor Cordeiro. Mais tarde autor de uma clássica biografia do Visconde de Mauá, pertenceria à Academia Brasileira, onde sucedeu, em 1927, ao historiador Oliveira Lima; pai do ensaísta e narrador Octavio de Faria, foi sogro dos escritores Afrânio Peixoto e Alceu Amoroso Lima.

(5) O Conde de Diniz Cordeiro, pai de Heitor, referido na nota 2.

(6) Guiomar Eugenia Smith de Vasconcellos (1876-1962), irmã de Francisca de Basto Cordeiro, casa-se, contrariando o pai, com o irmão deste, Frederico Smith de Vasconcellos (1857-1930), republicano convicto. Machado de Assis, que com a tradicional diplomacia dele, conseguira reconciliar a família por ocasião desse episódio, foi padrinho de casamento de Guiomar.

(7) Carta de Carlos Magalhães de Azeredo a Machado de Assis. Roma, 5 de fevereiro de 1907[...] Outro dia vi aqui o Heitor Cordeiro, que se recomendou à minha simpatia com o título de amigo seu, de amigo de um tão grande amigo meu; bastava esse para eu o tratar com verdadeiro carinho. Ora, conversando nós longamente a seu respeito, ele me disse que, na Suíça, onde estava doente, recebeu umas vinte cartas suas. Imagine como eu fiquei triste pensando que no mesmo período eu não tive nem vinte, nem dez, nem cinco, nem uma! Bem vê: on n'est trahi jamais que par les siens... Mas meu desejo natural de desculpar logo interveio: ele esteve mal, sofreu operações perigosas, era natural que o seu interesse por uma saúde tão ameaçada se revelasse frequente e insistente. Mas vamos; escreva-me de vez em quando. [...] Voltando ao Heitor Cordeiro: sabe que eu não o teria reconhecido? Está muito pálido, e perdeu trinta e sete quilos (ainda assim tem

se desenrolariam em junho de 1908 no *chalet* da Rua Cosme Velho, 18. O texto da carta que aqui nos interessa é o seguinte:

*Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1906.*

*Meu caro Heitor,*

*Aqui lhe mando um grande abraço pelo resultado da ultima campanha<sup>1a</sup>. Eu tenho sabido dos telegramas que dão noticia desta, confirmando todos elles as esperanças dos seus amigos. Hontem soube do ultimo que mandou a seu paê<sup>2</sup>, comunicando haver deixado o leito e achar-se em optimo estado. Ainda bem, meu querido Heitor. Ahi nos torna restabelecido o forte de outros dias, merecedor de todos os tempos, ao lado da companheira terna e paciente, que soube crer, esperar e consolar; dê-lhe também os meus parabéns e aos queridos filhos<sup>3</sup> que lá tem comsigo.*

*Não preciso dizer-lhe a satisfação de todos. O telegramma do Alberto de Faria<sup>4</sup>, recebido pelo Conde<sup>5</sup> na vespera do seu, veio inesperadamente e ajudou a completar a alegria.*

*Guimar<sup>6</sup> mostrou-me a sua carta de ha dias, cheia da descripção interessante das arvores e das neves proximas. Já agora irei deste mundo sem ver taes espectaculos, mas ainda uma vez tive a sensação delles nas linhas que Você escreveu. Aqui a nossa eterna primavera dá uma ideia enganosa da estabilidade das cousas, e é preciso que os homens mudem para que a gente sinta bem que nada é continuo ou estavel.*

*Não tem havido novid.[ad]e, salvo algum incidente politico, aliás de escassa importancia. A Avenida Central continua a encher-se de gente e ha ja muito quem tome refrescos nas calçadas. Veja se isto é o nosso Rio. A Avenida Beira-Mar está quasi completa. Os automoveis, ainda que não sejam muitos, já commetem algum atropello.*

*Adeus, meu caro Heitor. Dizem-me que esta será a ultima carta que lhe mandarei daqui, e ainda bem, vel-o-hei dentro de pouco. Até breve meu am.[ig]o, e receba outro abraço do amigo velho.*

*Machado de Assis*

Exemplo do nível que podia alcançar a afetividade machadiana, a carta acima integra uma série de mais de uma dezena enviadas na mesma circunstância a Heitor Cordeiro — conforme o registo que disso nos ficou através certa queixa enciumada de Carlos Magalhães de Azeredo<sup>7</sup>. Este último, apesar da dedicação e do apego ao Mestre que demonstrava, às vezes insistindo de modo indiscreto em manifestações palpáveis da afetividade machadiana em relação a ele, jamais poderia disputar ao "caro Heitor" a familiaridade afetuosa que laços quase de família e o convívio constante e carinhoso com os Vasconcellos garantiam para o convalescente.

As quatro faces de prosa afável que constituem a missiva, elegantemente lançadas como um desenho de que se calculou com segurança a paginação, constituem documento de evidente interesse psicológico. Sem perder o tom justo, Machado associa o seu mesmo sentimento melancólico àquele do visitado quando

quasi o dobro do meu corpo). Em todo o caso, está muito melhor, e em via de cura completa; a prova é que anda, autorizado pelo médico, a percorrer a bela Itália. A mulher é uma brasileira muito elegante, simpática e distinta. É um prazer para nós encontrar no Estrangeiro patricias que tão gentilmente honram a nossa terra. Dona Francisca e o marido estão nesse momento em Nápoles, mas voltarão amanhã a Roma, e certamente ainda os veremos antes do seu regresso para a Suíça<sup>8</sup>. Francisca de Basto Cordeiro (1875-1969) não se satisfaria apenas com o porte e as maneiras de pessoa bem nascida; acreditou antes em sua vocação de escritora, deixando vasta obra publicada em prosa e verso: ensaio, narrativa, traduções. Nesta última área iria de Tagore (*O Jardineiro*, 1927) a Margaret Mitchell (*...E o vento levou*, 1940), animando-se ainda a voltar para a nossa língua nada menos que o *Ramãiana*. Entre os livros de lavra própria podemos citar, desde os ensaios de *Jardim Secreto*, de 1925, até *Arde uma chama nas trevas*, romance, 1956, e, entre outros, *Almas do meu caminho*, 1926; *Terras de Além*, 1929; *Canções a Esmo*, 1931; *Brasilidades*, 1931... Contudo, para a nossa história literária contam antes as evocações memorialísticas que gizou a respeito do "bruxo do Cosme Velho". Divulgou-as primeiro sob a forma de um longo artigo, *O Machado de Assis que eu vi e*, com novas alterações, relançado como *Machado de Assis na intimidade* (1965). Através desse depoimento precioso, o nome da autora de *Ritmos Imortais* não será esquecido na literatura brasileira. A carta de Magalhães de Azeredo está em Carmelo Virgílio — *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969, pp. 276-277; vem parcialmente transcrita em R. Magalhães Júnior — *Vida e Obra de Machado de Assis*. 4. *Apogeu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 288.

evoca a impossibilidade de já agora viajar e a ilusória imobilidade sazonal do Trópico — evocação quase indiscreta da caducidade rápida demais do homem. Do elogio implícito ao talento descritivo de Heitor, que numa carta recente descrevia árvores pesadas de neve e montanhas adormecidas sob o gelo ("que meus olhos nunca viram", repetirá Jorge de Lima num poema quarenta anos depois), passa a retratar o Rio que diz que se civiliza em flagrantes que nos devolvem alta a cor do tempo. São postais em rotogravura da cidade nova, que já não é mais nem vai ser ainda por muito nem dele nem de Heitor — conforme ambos sabem, sem maior pesar. O "algum atropello" dos *automóveis* — neologismo ainda meio ridículo e incômodo — que José do Patrocínio e Fernando Guerra Duval inauguram nas avenidas recém-macadamizadas, João do Rio vai torná-lo a marca registada e diferenciadora da *vida vertiginosa* que agora se abre; vinheta ao mesmo tempo irônica e amena que sela o tom pitoresco da carta, dirigida com involuntária crueldade a "o forte de outros dias, merecedor de todos os tempos" das linhas ainda tateantes da abertura. E assim, ao lado de Heitor de Basto Cordeiro, ressurgue um momento, diante de nós, o talento superior do artista que, mesmo nas entrelinhas de um "monumento de insignificância", sabe fazer ver quem foi.

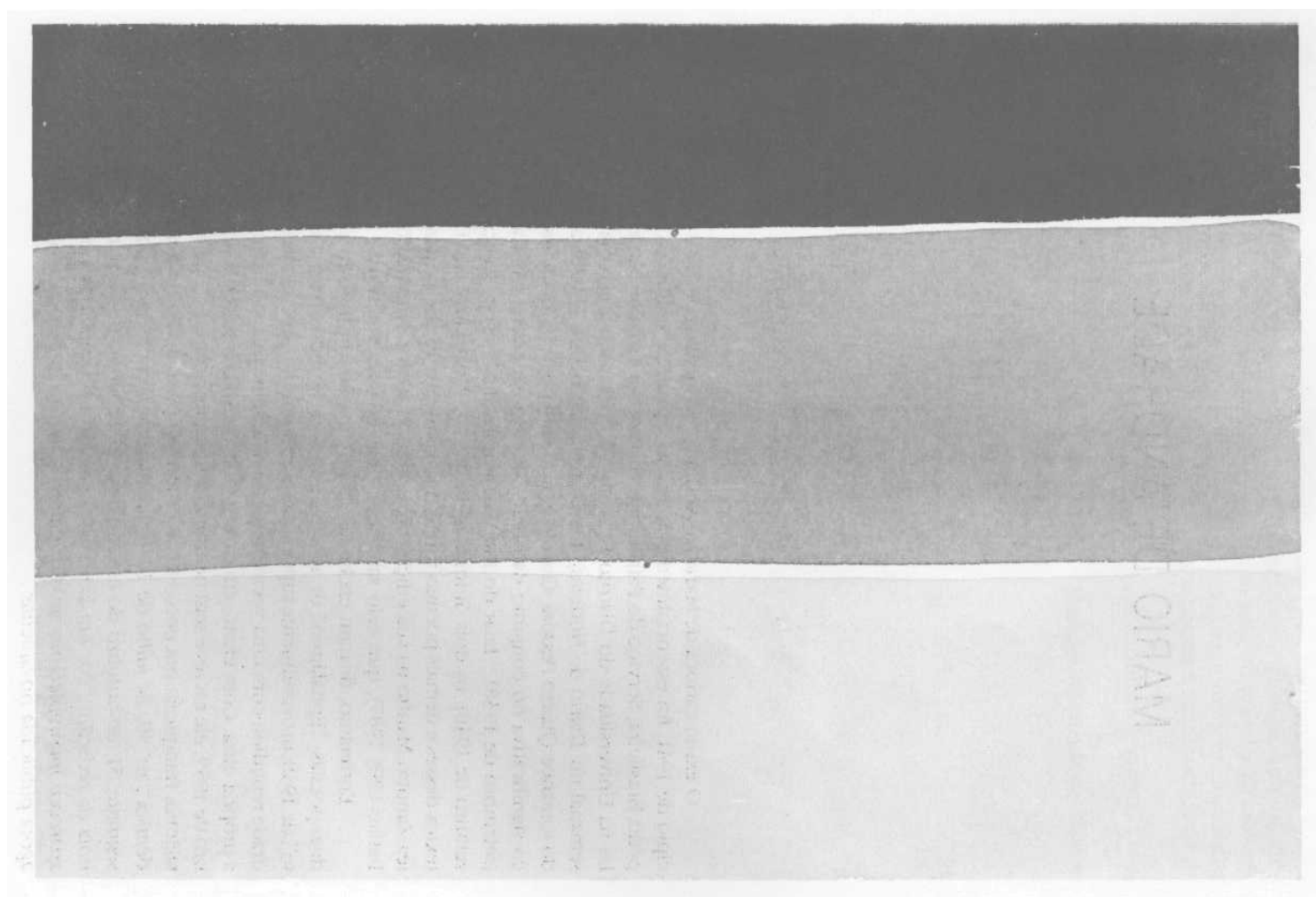
Alexandre Eulálio foi redator da *Revista do Instituto Nacional do Livro* (1958-1965), professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no exterior (Universidades de Veneza e Harvard) e era, até sua morte, em junho de 1988, professor de Teoria Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
Nº 23, março de 1989  
pp. 188-195

---





Desenho de Célia Euvaldo